



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Hermenêutica Filosófica: a linguagem como fundamentação da ontologia ambiental

Rodrigo Eder Zambam¹
Humberto Calloni²

Resumo: O objetivo do artigo aqui apresentado é resgatar o conceito de linguagem presente na hermenêutica filosófica, como possibilidade de fundamentação da ontologia ambiental. O filósofo alemão Hans-Georg Gadamer retoma o conceito de *logos* da filosofia grega para compreendermos que linguagem não se reduz à dimensão apofântica, mas apresenta-se como o rastro da finitude humana, nela o mundo se revela. Num primeiro momento retomaremos a discussão feita acerca da relação entre linguagem e mundo e as contribuições para pensarmos uma ontologia ambiental. Num segundo momento discutiremos a concepção de diálogo vivo presente na hermenêutica filosófica e da necessidade de escutarmos o outro como contribuição para os fundamentos da Educação Ambiental.

Palavras-chave: Diálogo. Educação Ambiental. Linguagem.

Hermenéutica Filosófica: el lenguaje como fundamentación de la ontología ambiental

Resumen: El objetivo de este artículo es rescatar el concepto de lenguaje presente en la hermenéutica filosófica, como posibilidad de la fundamentación de la ontología ambiental. El filósofo alemán Hans-Georg Gadamer retoma el concepto de *logos* de la filosofía griega para comprendernos que el lenguaje no se reduce a la dimensión apofántico, pero se presenta como la huella de la finitud humana, o sea, en ella el mundo se revela. En un primer momento retomaremos a la discusión hecha respecto a la relación entre el lenguaje, el mundo y las contribuciones para pensarnos una ontología ambiental. En un segundo momento discutiremos la concepción de diálogo vivo presente en la hermenéutica filosófica y de la necesidad de escucharnos el otro como contribución para los fundamentos de la Educación Ambiental.

Palabras-clave: Diálogo. Educación Ambiental. Lenguaje.

¹ Graduado em Filosofia (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia (UPF). Mestre em Filosofia (UNISINOS). Doutorando em Educação Ambiental pela FURG/PPGEA. Professor efetivo de Filosofia (FURG). Contato: rodrigozambam@gmail.com

² Licenciado em Pedagogia e Filosofia (UFRGS), Mestre e Doutor em Educação (UFRGS). Professor titular de Filosofia (FURG). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa da Complexidade (GEC/CNPq/FURG). Contato: calloni@gmail.com

Philosophical Hermeneutics: the language as the foundation of the environment ontology

Abstract: The objective of this article is to bring back the language concept to what it was presented in the philosophical hermeneutics, as the possibility of foundation of the environment ontology. The German philosopher Hans-Georg Gadamer resumes the *logos* concept from the Greek philosophy so we can understand that language is not reduced to the apophantic dimension, yet, it is shown as a trail of the human finiteness, in which the world is revealed. In a first moment, we will resume the discussion about the relation between language and world and its contributions to make us think about an environment ontology. In a second moment, we will discuss the concept of living dialogue, present in the philosophical hermeneutics and in the need to listen to the other as a contribution for the foundation of the Environmental Education.

Keywords: Dialogue. Environmental Education. Language.

Introdução

O esforço teórico-conceitual que propomos nesta escrita visa fundamentar a linguagem como lugar da experiência ontológica e a possibilidade de fundamentação da ontologia ambiental. Sob a égide da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (1900-2002), colocamos como hipótese de nossa reflexão a linguagem como resgate da experiência ontológica-existencial esquecida pela filosofia moderna, que na tentativa de enquadrar-se aos objetivos teóricos e metodológicos das ciências particulares com vistas a uma epistemologia da verdade com fundamentos seguros e bem demarcados, objetivou o saber absoluto esquecendo-se da experiência enquanto acontecer finito. A crítica de Gadamer a Hegel (1770-1831) dá-se ao concluir sua dialética e alcançar a *ideia absoluta* transformando a metafísica em Ciência. Desta forma, objetivamos pensar a vida humana como *projeto* que revela sua finitude enquanto acontecer que se dá na tensão especulativa, característica do filosofar dialógico, dos limites impostos pela existencialidade humana que busca constantemente a compreensão no movimento dialógico.

A retomada de Gadamer da ontologia com a importante influência da Filosofia de Heidegger (1889-1976) nos remete ao conceito central que buscaremos problematizar, a saber: a linguagem. A retomada deste conceito, colocando-o nas trilhas da hermenêutica filosófica, resgata características perdidas com a hermenêutica clássica: pensar a linguagem além das restrições lógicas e gramaticais. Perceber que é na linguagem que a finitude existencial do ser humano se faz presente e o mundo se apresenta. Expõe as características negativas e reveladoras do caráter insuperável da experiência hermenêutica.

Com a hermenêutica filosófica, a experiência nunca pode ser reproduzida como ocorre nas ciências positivas; é sempre um novo acontecer, uma nova experiência.

Por que adotarmos a linguagem como fundamento da Educação Ambiental? Ao apresentarmos a linguagem como conceito central de nossa reflexão, defenderemos outra proposta de sujeito, ou seja, buscaremos pensar o sujeito para além da teoria do conhecimento moderna³, apresentando o sujeito hermenêutico que compreende e interpreta a partir de sua condição ontológica⁴ libertando-se da postura moderna presa às amarras conceituais de um sujeito cognoscente, que explora e reduz o outro a um simples objeto de desvelamento com a aplicabilidade de um método que o leva a objetividade de suas particularidades. Queremos pensar o sujeito fora da *tiranía do olhar* moderna e vê-lo como um acontecimento de um “projeto” que se dá na experiência hermenêutica e desvenda nosso modo de conhecer e agir. Com isso, o mundo não se torna “(...) objeto da linguagem. Antes, aquilo que é objeto do conhecimento e do enunciado já se encontra sempre contido no horizonte global da linguagem. O caráter de linguagem da experiência humana de mundo como tal não tem em mente a objetivação do mundo” (GADAMER, 2004 a⁵, p. 454). É esta a proposta de experiência ontológica que tem na linguagem o acontecer existencial, a revelação da existencialidade na experiência do compreender.

Para fundamentarmos o estudo aqui proposto, num primeiro momento trabalharemos a linguagem a partir dos fundamentos da hermenêutica filosófica, como proposta de uma ontologia ambiental; na segunda parte, a linguagem como diálogo hermenêutico e suas contribuições para a Educação Ambiental.

Linguagem como fio condutor da uma ontologia ambiental

³ “Em contraposição ao homem da teoria grega, contemplador da ordem cósmica, o homem moderno não se entende mais como contemplador passivo do mundo, mas como *construtor* ativo, tanto na ordem do conhecimento, como na ordem da ação. Sem dúvida, o homem é capaz de certeza, mas não simplesmente na base de uma contemplação ingênua, que parte de um conceito pronto de mundo e que considera o conhecimento apenas como reflexo dos objetos naturais e culturais. O sujeito investe a si mesmo, e neste sentido não há mundo sem o homem. A ciência moderna é uma ciência da experiência” (OLIVEIRA, 1995, p. 16).

⁴ “Na ontologia hermenêutica, enquanto experiência do mundo, falar não significa dispor das palavras como se fossem coisas. O enunciado e o juízo representam apenas uma forma especial dentro da multiplicidade do comportamento humano enquanto linguagem, e essa experiência permanece entrelaçada com nosso mundo vital. Daí que ‘a ciência objetivadora considera a conformação no modo de ser linguagem (*Sprachlichkeit*) da experiência natural do mundo como uma fonte de pré-conceitos’. Ela, mais do que fonte de engodos e pré-conceitos, é condição e efetivação mesma do saber, é uma experiência do mundo, modo de viver e de ser, portanto, constitui-se em ontologia.” (ROHDEN, 2002, p. 258-259).

⁵ A paginação está de acordo com a obra original “Wahrheit und Methode”.

A palavra linguagem pode ser traduzida do grego *logos* trazendo muitos significados, “(...) desempenhando a função de uma síntese constante entre o horizonte do passado e o do presente” (GADAMER, 2004 b⁶, p. 56). Em Aristóteles temos a definição clássica que o homem é um animal racional que se distingue dos outros animais pela capacidade de pensar. Nesse sentido, a palavra *logos* é traduzida como *razão e pensar, conceito e lei*. Gadamer aprendeu com Heidegger que *logos* significa também e sobre tudo linguagem⁷. Ao retomarmos a expressão *logos*, presente em Aristóteles, segundo o qual o homem é um ser vivo dotado de *logos*, temos a diferença entre animal e homem. O ser humano, por ter *logos*, tem a capacidade de julgar o que é *justo e injusto, útil ou prejudicial*. Pode *pensar e falar*⁸. A capacidade de comunicar-se e assim pensar de forma comum tornando possível a convivência em sociedade. Nesse sentido, podemos acrescentar a capacidade de o ser humano problematizar a sua condição de ser social determinando princípios éticos, leis comuns que tornam possíveis a convivência social. Qual o motivo disso ser possível? “(...) o homem é um ser vivo dotado de linguagem” (GADAMER, 2004 b, p. 146). Na linguagem o ser humano revela sua condição existencial, sua marca ontológica presente em suas angústias, em seus dilemas, nas dúvidas, com a necessidade de estar constantemente revendo suas convicções. Na linguagem contemplamos o modo de ser da humanidade. Na linguagem está contida a experiência ontológica do ser humano, de sua condição de ser-e-estar-no-mundo.

Essa é a marca universal do ser humano, pois não há homem sem linguagem e, do mesmo modo, não há acesso humano ao mundo que não seja através da linguagem. Desse modo, o mundo (humano) é sempre mundo de sentido, mundo compreensível, mundo de linguagem. (ALMEIDA, 2002, p. 203).

Na linguagem o mundo⁹ se revela, o mundo se manifesta. Só temos mundo por termos linguagem e é a partir dela que o mundo acontece. Com a hermenêutica filosófica, afirmamos que o ser humano se diferencia dos demais animais por possuir linguagem. Esta é a principal marca que o coloca como ser que *accede* o mundo à linguagem. Não é uma postura de desmerecimento aos demais animais; Gadamer trabalha a ideia dos demais

⁶ A paginação está de acordo com a obra original “Wahrheit und Methode II”.

⁷ Cf. GADAMER, 2004 b, p. 146.

⁸ Cf. Ibidem, p. 146.

⁹ Gadamer é influenciado por Humboldt para fundamenta a ontologia como experiência de mundo. O “(...) descobrimento da concepção da linguagem como concepção de mundo. Humboldt reconheceu a essência da linguagem, a *energia* da linguagem, como a realização viva do falar, rompendo assim com o dogmatismo dos gramáticos”. (GADAMER, 2004 b, p. 446).

animais terem uma linguagem para *entenderem-se*, mas esta se restringe a “signos fixos,¹⁰” diferentemente da variabilidade das formas de expressões contidas dentro de um próprio idioma. Isso ocorre pelo fato de a linguagem humana não ser entendida como algo criado artificialmente, como uma *ferramenta* ou *instrumento*¹¹ de comunicação que dominamos e descartamos após o seu uso. Também, não podemos pensá-la existindo a partir de um “marco zero” de início da linguagem ou tentarmos descobrir a primeira palavra proferida pelo ser humano ou o primeiro balbuciar da criança, a primeira palavra que esta expressou. “(...) em todo conhecimento de nós mesmos e do mundo, sempre já fomos tomados pela nossa própria linguagem. É aprendendo a falar que crescemos, conhecemos o mundo, conhecemos as pessoas e por fim conhecemos a nós próprios. (GADAMER, 2004 b, p. 149). Desde sempre estamos inseridos na linguagem e por ela somos envolvidos, somos tomados a partir de nossa condição de *ser-e-estar-no-mundo*.

O ser humano tem mundo por ter linguagem. As experiências existenciais que fazemos mostram-se na linguagem, é o mundo presente na linguagem. Por isso que Almeida diz que *o mundo é sempre mundo de sentido*. Essa colocação revela que a relação que se estabelece na hermenêutica filosófica não é de um sujeito que calcula, mas de um sujeito que compreende; não é de um sujeito que simplesmente observa, mas de um sujeito que interpreta no acontecer ontológico. Tudo isso é a experiência hermenêutica manifestada na linguagem.

A linguagem não é somente um dentre muitos dotes atribuídos ao homem que está no *mundo*, mas serve de base absoluta para que os homens tenham *mundo*, nela se representa *mundo*. Para o homem, o mundo está aí como mundo numa forma como não está para qualquer outro ser vivo que esteja no mundo. Mas esse estar-aí do mundo é constituído pela linguagem. [...] Não só o mundo é mundo apenas quando vem à linguagem, como a própria linguagem só tem sua verdadeira existência no fato de que nela se representa o mundo. A originária humanidade da linguagem significa, portanto, ao mesmo tempo, o originário caráter de linguagem do estar-no-mundo do homem. (GADAMER, 2004 a, p. 446-447).

Pensamos na e pela linguagem. Tudo no ser humano está relacionado à linguagem. Ao nos dispormos a pensar e fundamentar a Educação Ambiental diante dos desafios do mundo moderno encontramos-nos inseridos em um tempo histórico com seus dilemas sociais, seus problemas culturais que nos desafiam, mas ao mesmo tempo, possibilitam pensarmos em novas possibilidades. Não temos como nos desfazermos dessas condições

¹⁰ Cf. GADAMER, 2004 b, p. 147.

¹¹ Cf. GADAMER, 2004 b, p. 148.

para pesquisarmos a Educação Ambiental. É deste tempo histórico que desenvolveremos novas possibilidades para a educação. Desfazermos-nos desta condição buscando um “isolamento”, construindo a imparcialidade metodológica defendida pelas ciências positivas, seria um dos principais erros de pesquisa. Para nos conhecermos e conhecermos o mundo, precisamos da linguagem. Ao pensarmos a Educação Ambiental, estamos pensando nossa própria condição humana, ou seja, nossos dilemas éticos, nossas relações com os demais entes. “Não se pode conceber a linguagem como um dos elementos entre outros que constituem essencialmente o homem, porque nada no homem pode ser pensado separadamente da linguagem” (ALMEIDA, 2002, p. 204-205). Por isso a insistência teórica e metodológica de colocarmos a Educação Ambiental nas trilhas da hermenêutica filosófica, para a fundamentação desta importante área da formação humana.

Sustentarmos a pesquisa dos problemas socioambientais a partir da hermenêutica filosófica, ou seja, pensando a crise ética, a crise de valores, as relações de exploração e coisificação do meio ambiente que fazem parte de nossa existência e corroboram com a estruturação de nosso mundo de sentido. A educação que não é pensada a partir de sua condição histórica e temporal, valorizando as manifestações culturais nas várias formas de linguagem, não faz Educação Ambiental. Trazer a problemática da linguagem com as estruturas teóricas e conceituais da hermenêutica filosófica é valorizar o pertencimento de todas as pessoas a uma condição histórica que proporciona a formação do mundo. Ao falarmos em mundo, não estamos falando em mundo físico no sentido científico. Falamos em mundo de sentido que se constitui na condição de *ser-e-estar-no-mundo*. Desde sempre constituímos-nos pertencentes a este mundo e o mesmo acende à linguagem.

O mundo vem à linguagem manifestando os problemas socioambientais. O ser humano constitui a sua forma de pensar na condição ontológica. Portanto, é de suma importância que as interpretações sejam mediadas filosoficamente a partir de um diálogo vivo proporcionando o envolvimento de todos no *jogo* dialógico. Em outras palavras: a educação ambiental necessita que a hermenêutica seja filosófica, carregue a criticidade própria do fazer filosofia para que os problemas socioambientais sejam problematizados e debatidos pelos pesquisadores, professores e estudantes envolvidos no processo formativo.

A retomada de algumas questões filosóficas acerca da linguagem tem como objetivo mostrar que, com a hermenêutica filosófica, temos uma mudança significativa no modo de compreender a linguagem. Esta não se encontra mais reduzida a juízos lógicos, a estruturas gramaticais ou a problemática do convencionalismo e do naturalismo presentes na filosofia grega. Agora, é colocada como um dos problemas vitais para uma ontologia

hermenêutica, ou seja, explícita as relações vitais mais diversas e se apresenta como o horizonte ontológico da condição existencial do ser humano. As diversas manifestações linguísticas “revolucionam” as restrições advindas das compreensões anteriores, principalmente quando era pensada a possibilidade de uma *linguagem ideal*. O que buscamos incluir nos fundamentos da Educação Ambiental, para pensarmos uma ontologia ambiental, é o fato de a linguagem ser pensada como experiência de um ser que se encontra mergulhado numa tradição; que explícita as condições temporais, históricas e existenciais da condição de *ser-e-estar-no-mundo*.

O respeito ético e teórico a esta condição nos dá a possibilidade de pensarmos o ser humano a partir de sua condição existencial, vendo-o presente num todo que o constitui como sujeito hermenêutico e nesta condição se constitui. Não é um sujeito isolado que simplesmente observa para retirar as informações dos objetos que o cercam. A hermenêutica filosófica nos dá condições teóricas de superarmos e redirecionarmos a obstinada e escandalosa pretensão de uma verdade objetiva, presente na ciência moderna e absorvida pela educação instrumental concentrada nas grandes propostas pedagógicas do mundo industrial tendo o sujeito moderno como senhor do processo exploratório. A ideia é mostrarmos que existe (resgatando o conceito de linguagem das amarras reducionistas) a possibilidade de pensarmos o sujeito como ser que acontece nas relações com os demais entes, fruto da condição de pertencimento a uma condição existencial e, desta experiência, se constitui como sujeito finito. Desta forma, a linguagem deixa de ser reduzida a *mero objeto de manipulação*¹² tornando-se o lugar da experiência existencial do ser humano; o lugar que o sujeito hermenêutico revela seu mundo, manifesta sua existencialidade e seu pertencimento a uma historicidade e a uma temporalidade.

Dentro da perspectiva da lógica moderna de comunicação, perde-se o sentido da linguagem como *logos* presente na filosofia grega. Com a instrumentalização da comunicação, com a criação de linguagens artificiais de troca de informações, exigindo das pessoas adaptações a essas formas automáticas de comunicação sem a experiência vital dos mundos de sentidos, a linguagem deixa de ser a manifestação do mundo, a *morada do ser*,

¹² Poderíamos citar várias formas de manipulação da linguagem presente na atual sociedade. Flickinger (2014, p. 66) esclarece alguns sinais: “(a) o excesso de informações, que dificulta a percepção e diferenciação de seu significado e de sua relevância; (b) a sujeição acrítica das pessoas a normas e ideais de comportamento induzidos pelas mídias e pelos meios de comunicação, que os propagam como critérios da integração social; (c) o avanço e a penetração da informática na vida cotidiana, que dá preferência à postura receptiva das pessoas em detrimento de seu potencial reflexivo-criativo; (d) a transformação do debate político-público em retórica vazia; e (e) o desprezo do ouvido em favor da visualização do pensamento. Todos esses sinais indicam a perda da língua como horizonte em que a pessoa experimenta o seu estar-no-mundo e, acima de tudo, o seu entrosamento na rede social.”

a manifestação das riquezas de significados, para tornar-se um simples instrumento de comunicação. Este reducionismo destrói a linguagem pensada pela hermenêutica filosófica enquanto manifestação de sentido, manifestação do horizonte da experiência existencial tornando-a uma referência clara às técnicas modernas de comunicação. O diálogo vivo proposto pela hermenêutica filosófica corre sério risco de tornar-se obsoleto aos olhos da postura instrumental presente na dinâmica moderna de pensar a educação. Esta, pensada a partir da lógica automática e artificial das técnicas de comunicação moderna, será reduzida a simples repasses de informações sem o compromisso de ver na linguagem o espaço da manifestação de sentido.

Evitar uma postura unilateral da linguagem instrumental é o desafio de resgatarmos a experiência ontológica enquanto manifestação existencial e conseguirmos, com isso, pensarmos uma ontologia ambiental. Pensarmos a Educação Ambiental nas trilhas da ontologia hermenêutica é superarmos o “preconceito dos preconceitos” muito bem colocado por Gadamer que a ciência moderna objetivadora possui e que contribuiu na estruturação da educação instrumental e na não aceitação do sujeito, que acontece a partir de um projeto existencial não sendo um sujeito autossuficiente¹³. O sujeito moderno é colocado num pedestal sendo senhor das conduções de suas escolhas e do direcionamento de suas pesquisas conduzindo-se guiado com a luz da razão e da aplicação do método científico ao domínio do objeto pesquisado.

(...) por meio da insistência na ideia da *objetividade* do processo de conhecimento, o sujeito conhecedor imuniza-se, obviamente, a si mesmo, no intuito de não se sentir forçado a dar-se conta de sua própria competência restrita, referente ao domínio do processo que levaria à configuração do sentido a ser elaborado. (FLICKINGER, 2010, p. 19).

Há a busca por um padrão de linguagem presente na ciência para “superar a legendária incompreensibilidade da ciência” (GADAMER, 2004 b, p. 191). Mas será ela uma linguagem no sentido ontológico? Esse sistema de comunicação, de acordo com Gadamer, não *deriva de uma linguagem cotidiana*. Ou seja, é uma estrutura de símbolos criados com o objetivo de dominar certas informações, de padronizar um ideal de pensamento. Essa padronização, fora do ciclo científico, dificilmente fará sentido por ser uma “linguagem” artificial, instrumental utilizada como *ferramenta* para resolver determinada situação e, após o seu uso, pode ser deixada de lado e retomada somente quando o pesquisador se fechar novamente em seu paradigma de pesquisa. Não é fruto de

¹³ Cf. FLICKINGER, 2010, p. 19.

um acontecer existencial, mas de um aprender voltado a resolver problemas previamente determinados. Para a proposta de uma ontologia hermenêutica, compreender a linguagem enquadrada num paradigma científico¹⁴ não contribui na problematização da Educação Ambiental. Para tal objetivo, precisamos pensar a linguagem como uma constituição ontológica do ser humano de onde temos acesso ao mundo.

Se quisermos pensar o ser humano e sua condição existencial, e nos parece ser esta uma hipótese viável para a Educação Ambiental, temos que ver a linguagem com um lugar prioritário nesta reflexão. O ser humano como sujeito hermenêutico experimenta na medida que compreende e interpreta. Este acontecer é linguagem. É importante destacarmos que desde sempre o homem é um ser de linguagem, faz parte de sua essência não sendo possível pensarmos em um estado *a-linguístico* da história da humanidade. Esta é a característica essencial para pensarmos num sujeito hermenêutico que desde sempre se constitui enquanto ser de linguagem, que compreende e interpreta a partir de sua condição existencial. Um sujeito que pensa dentro de uma linguagem e desta cunhagem consegue pensar sobre o enigma da linguagem sabendo que esta consciência jamais será plena. Esta compreensão sempre nos escapa, nunca teremos um ideal de compreensão acerca do que pensamos.

Todo o pensar sobre a linguagem, pelo contrário, já foi sempre alcançado pela linguagem. Só podemos pensar dentro de uma linguagem e é justamente o fato de que nosso pensamento habita a linguagem que constitui o enigma profundo que a linguagem propõe ao pensar. (GADAMER, 2004 a, p. 148).

O pensar é um eterno *vir-a-ser* e refletir sobre algo implica um constante processo de crescimento, de amadurecimento, de ampliação de nosso *mundo de sentido*. O exercício que estamos fazendo neste exato momento tentando compreender a linguagem é uma experiência feita pela própria linguagem, ou seja, é um esforço para entendermos este mistério, utilizando-nos de nossos próprios preconceitos, frutos de nossa condição finita e existencial. Por mais que evoluamos em nossa compreensão, jamais teremos plenitude

¹⁴ Ao propormos um olhar hermenêutico para a Educação Ambiental com a troca de paradigma, ou seja, sair da estrutura da educação instrumental para uma educação hermenêutica com a superação do sujeito moderno dominador, explorador para um sujeito hermenêutico que compreende e interpreta a partir de seu lugar existencial. Citamos uma contribuição de Isabel Carvalho acerca do assunto que corrobora de forma brilhante com nossa proposta. “O *sujeito-decodificador*, situado fora do tempo histórico, estaria perseguindo as leis imutáveis, reais, permanentes e inequívocas. O *sujeito-intérprete*, por sua vez, estaria diante de um mundo-texto, mergulhado na polissemia e na aventura de produzir sentidos, dentro de seu horizonte histórico” (CARVALHO, 2012, p. 83).

nesta experiência. Nossa condição temporal, histórica e existencial é que nos constitui enquanto seres finitos. Ao pensarmos sobre qualquer coisa, cunhamos nossa existencialidade, nossa finitude, nossos limites de onde nunca sairemos. “Falar do mundo é dizer que estamos inevitavelmente inseridos na linguagem, o que implica dizer que já estamos no mundo, antes mesmo de falar dele”. (ALMEIDA, 2002, p. 205). Só é possível pensar o mundo, questionar os problemas existenciais, os problemas socioambientais, a condição de ser-e-estar-no-mundo por termos linguagem, por estarmos inseridos na linguagem.

Linguagem como diálogo hermenêutico

A linguagem representa o rastro da finitude não só porque exista uma infinidade de diversas estruturas humanas de linguagem, mas porque toda língua está em constante formação e desenvolvimento, quanto mais trazer à fala a sua experiência de mundo. Não é finita por não ser ao mesmo tempo todas as demais línguas, mas porque é linguagem. (...) Trata-se do *meio da linguagem*, a partir do qual se desenvolve toda a nossa experiência do mundo e em particular a experiência hermenêutica. (GADAMER, 2004 a, p. 461).

É importante o destaque feito por Gadamer na citação acima acerca da finitude da linguagem. Esta característica diz respeito ao fato de que nela se revela a experiência ontológica da condição de ser e estar no mundo. A experiência é constante e, portanto, infinita. Nossa formação é um constante *vir-a-ser* que se revela na linguagem, que se manifesta no diálogo infinito, no qual buscamos alcançar a verdade de que somos e que sempre nos escapa. “É no *médium* da linguagem que ocorre toda a nossa experiência do mundo, e a consciência do limite da linguagem é consciência também da nossa temporalidade; por isso a hermenêutica filosófica estrutura-se como ontologia e metafísica da finitude” (ROHDEN, 2002, p. 259-260).

Cada palavra pertence a um conjunto de sentido e revela o mundo da qual pertence. Ela só tem sentido ao estar relacionada ao todo. Pensá-la de forma isolada é reduzi-la a signos lógicos, a instrumentos que podem ser analisados e compreendidos de forma definitiva. Tentar compreendê-la fora dessa estrutura filosófica é incorrer no reducionismo lógico da filosofia da consciência¹⁵. A palavra tem poder, pertence a uma história, a uma

¹⁵ “Tugendhat distingue três momentos ou etapas principais na história da filosofia da consciência. Primeiramente a etapa do cartesianismo, início histórico da guinada da ontologia para uma reflexão em torno da consciência por meio da primazia que passa a ser concedida ao problema da fundamentação e da comprovação no conhecimento – que é concebido sempre como conhecimento de cada indivíduo. Comprovar é neutralizar qualquer dúvida, é estabelecer certeza. Duvidar, bem como ter certeza, remete ao próprio **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 36, n. 2, p. 359 - 375, mai./ago. 2019. E-ISSN 1517-1256

tradição e nesta dinâmica faz ressoar o todo da língua a que pertence. O sentido acontece se tivermos consciência desta dinâmica viva da linguagem, da sua construção constante. “Somente o meio da linguagem, por sua referência ao todo dos entes, pode mediar a essência histórico-finita do homem consigo mesmo e com o mundo” (GADAMER, 2004 a, p. 461). Neste sentido, a ontologia ambiental pode ser pensada vendo na linguagem a manifestação do mundo, a manifestação de sua condição finita. A linguagem como manifestação da experiência de mundo¹⁶.

Ao destacarmos acima que a palavra tem poder, queremos dizer que a palavra é fruto da experiência ontológica, manifesta a riqueza das experiências feitas pelo ser humano. Não é um signo isolado ou criado mecanicamente. Pelo contrário: é um acontecer da essência *histórica-finita do ser humano* que se manifesta ao ser proferida e ao mesmo tempo subjaz uma concepção de mundo que permanece oculta. Por mais que o ser humano tente proferir por inteiro, na fala ou em qualquer outra manifestação linguística, algo sempre permanece *não dito* e cabe novas interpretações. É característica da linguagem (*logos*) ir além da dimensão *apofântica* e não restringir-se às amarras lógicas e calculistas, mas reconhecer e valorizar a dimensão ontológica da linguagem perdida com o advento da filosofia da consciência a as pretensões dominadoras e objetivantes da concepção de verdade arquitetada pela ciência moderna. A *ocasionalidade*, a insegurança, o não saber expressar-se em um determinado momento, a dificuldade de se encontrar o termo adequado ao escrever um texto: tudo isso faz parte da finitude humana que vem à linguagem. “A ocasionalidade do falar humano não é uma imperfeição eventual de sua capacidade expressiva. É, antes, a expressão lógica da virtude viva do falar que, sem poder

indivíduo. Assim, uma primeira definição de consciência é saber: saber indubitável do indivíduo de que ele se encontra numa série de estados: sentir, desejar, querer etc. consciência é um domínio interior, ao qual o indivíduo tem acesso imediato. A etapa kantiana é aquela na qual o problema do acesso afeta as próprias questões ontológicas, ao contrário da etapa cartesiana, que teria deixado intocada a ontologia nela mesma. A análise ontológica dá lugar a uma análise da possibilidade da experiência e o problema da constituição de algo como objeto é abordado de uma nova maneira. A reflexão sobre a consciência promove um alargamento do domínio temático sobre a ontologia pré-moderna. Com muita propriedade é sublinhado que há modalidades de consciência que não podem ser compreendidas como consciência de objeto – por exemplo, a consciência de mundo, isto é, da totalidade do que se pode experimentar, que, enquanto tal, não é um objeto. Em Kant, toda experiência encerraria sempre uma referência ao mundo ou, dito de outro modo, o mundo está sempre pressuposto. Ademais, para Kant, é uma modalidade não-objetiva (ou não-reificável) de consciência que constitui a consciência de objetos. A terceira e última fase, a heideggeriana (*Ser e Tempo*), é marcada pelo abandono do termo ‘consciência’ em favor daquele outro de ‘abertura’ (*Erschlossenheit*), na qual ‘mundo’, que permanece um pressuposto como observa Tugendhat (...), ‘não é um substituto para a totalidade de objetos e sim para a totalidade de um contexto de sentido no qual um homem se compreende’”. (BICCA, 1997, p. 190).

¹⁶ “A hermenêutica filosófica situa sempre o ser humano no mundo, na história e na linguagem e não como um sujeito senhor de si, separado dos objetos. Os seres humanos estão sempre inexoravelmente inseridos no círculo hermenêutica.” (GRÜN, 2012, p. 108).

dizê-lo inteiramente, põe em jogo todo um conjunto de sentido.” (GADAMER, 2004 a, p. 462). Este mundo de sentido é que deve ser resgatado e valorizado em nossas pesquisas e no fazer pedagógico.

Fazer Educação Ambiental requer ter a consciência ética da valorização das experiências de mundo que vem à linguagem. Para isto, vemos a necessidade da superação da educação fundamentada na racionalidade instrumental. Dentro desta estrutura, a Educação Ambiental não acontece devido a linguagem não ser vista a partir da dimensão ontológica e existencial, mas pelo reducionismo científico que exalta a dimensão *apofântica* e lógico-matemática. Na fundamentação da educação e, neste momento, especificamente a fundamentação da Educação Ambiental na perspectiva de uma ontologia ambiental, respeitar a linguagem como manifestação de mundo, como reveladora de uma infinidade de sentido fruto do acontecer existencial é condição necessária para termos a valorização da diversidade cultural com suas especificidades ambientais próprias de seu lugar.

Um segundo ponto para a fundamentação da Educação Ambiental é pensarmos a linguagem e sua dimensão ontológico-existencial acontecendo na dimensão dialógica da hermenêutica filosófica. A educação ambiental fundamentada a partir do *meio da linguagem*¹⁷. Rompermos com a postura positivista presente na ciência moderna e com o sujeito conhecedor que, “extraí com meios metodológicos¹⁸” as informações do objeto pesquisado. Tal postura depõe contra a sustentação da linguagem como acontecimento, como meio da experiência ontológica. Portanto, “(...) o verdadeiro acontecer só se torna possível pelo fato de a palavra que chega a nós como tradição e que devemos ouvir nos atingir realmente, como se fosse dirigida a nós e se referisse a nós mesmos.” (GADAMER, 2004a, p. 465). Ao participar da experiência hermenêutica, somos atingidos por algo que antes não existia. Ao escutarmos o outro, este nos fala do seu lugar, da sua tradição, do seu mundo de sentido e nos transforma, nos movimenta, exige reflexão acerca do conteúdo que não esperávamos e que desestabiliza nosso mundo de sentido. “Quando a tradição volta a falar, emerge algo e entra em cena o que antes não existia.” (Ibidem, p. 466). A tradição pode ser uma obra literária, uma obra de arte, uma música, uma fala, etc. Aqui, a experiência ontológica acontece.

Como ressaltamos anteriormente, o mundo só é mundo quando vem à linguagem e revela a finitude existencial do ser humano. A cultura e a tradição de um povo torna-se

¹⁷ GADAMER, 2004 a, p. 465.

¹⁸ Ibidem, p. 465.

presente ao se revelar na linguagem e com ela toda a historicidade, a existencialidade, a temporalidade de um povo. Revela as marcas de pertencimento a um lugar que se mostra na linguagem, na palavra que extrapola as restrições *apofânticas* de uma linguagem lógica. Esta nova forma de perceber a linguagem denominamos de ontologia. O contato com a tradição, a escuta do outro que revela seu mundo de sentido. São momentos ricos proporcionados pela experiência hermenêutica que exige dos envolvidos o cuidado ético da escuta, para perceber que na fala o mundo se mostra. Nas palavras, as experiências se apresentam e como educadores que lutam pela educação ambiental, é o momento que a ontologia ambiental acontece. Falamos da necessidade de termos a primazia do escutar sobre o ver¹⁹.

Ressaltamos a necessidade de pensarmos a educação ambiental com bases na experiência hermenêutica do ouvir. O que isto significa? “(...) o ouvir é um caminho rumo ao todo porque está a capacitado para escutar o *logos*” (GADAMER, 2004 a, p. 466). Esta experiência tão antiga e que se perdeu com o advento da modernidade, deve ser retomada como alternativa a uma educação tecnicista. Ao escutarmos do outro, o mundo que se revela pela linguagem, o *logos* que advém das ricas experiências existenciais e se fazem presente num diálogo vivo, base da educação hermenêutica, recuperamos a educação como acontecer dialógico que valoriza todas as ricas e imensuráveis manifestações culturais presentes em nossas escolas e universidades.

A experiência autêntica cunhada na trilhas da educação hermenêutica acontece no diálogo; temos a manifestação plena da linguagem enquanto acontecimento ontológica. A essência da linguagem, sua vivacidade, sua transformação, seu constante acontecer enquanto manifestação de mundo se dá no diálogo vivo. “A linguagem apenas se dá no diálogo” (GADAMER, 2004 b, p.207). É isso que torna a educação pensada nas trilhas da hermenêutica filosófica um momento de constante transformação. A verdade não é um ideal metafísico ou uma aplicação metodológica, mas um acontecer dialógico. O diálogo se dá enquanto existência, enquanto condição de ser-e-esta-no-mundo. “Não afirmamos apenas a natureza dialógica da linguagem, mas também uma constituição dialógica da existência. Ora, é isso que sustenta o fato de que o diálogo é um modo de ser e, enquanto postura, é ontológico” (ROHDEN, 2002, p. 183). A ontologia ambiental deve pensar um sujeito hermenêutico que compreende e interpreta a partir de sua constituição dialógica existencial em oposição ao sujeito dominador sustentado pela modernidade.

¹⁹ Cf. GADAMER, 2004 a, p. 466.

A sugestão de pensarmos a Educação Ambiental a partir da ontologia ambiental, fundamentada no conceito de linguagem enquanto manifestação de mundo e sua natureza dialógica, intenciona a despotencialização do sujeito dominador.²⁰ Pensamos o sujeito hermenêutico desde sempre inserido no tempo, na sua condição dialógica existencial com o outro como verdadeira experiência que amplia os horizontes de sentido, dando-lhe condições de interpretar os desafios do mundo no qual está inserido. Como nos coloca Gadamer: “O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo” (2004 b, p. 211). Que a Educação Ambiental tenha no diálogo com o outro a estruturação de novos rumos para nossa existência.

Considerações Finais

No falar humano apresenta-se a finitude existencial do ser humano e esta deve ser valorizada ao fundamentarmos a educação. Ao colocarmos o ser humano como ser de linguagem, ser que interpreta e não ser que simplesmente calcula e explora; ser que compreende e no compreender revela sua forma de ser no mundo. Tudo isso busca modificar o registro que fundamenta a educação moderna, a saber: a valorização do que é visto em detrimento ao que é compreendido; a valorização do que é possível ser objetivado em detrimento ao que é interpretado; o que tem potencial utilitarista e pragmatista em detrimento ao que é pensado enquanto projeto. Fazer com que a Educação Ambiental tenha esse papel de problematizadora e provocadora do debate em torno das questões não vistas na modernidade pela impossibilidade de sua objetivação.

Uma questão que nos fazemos e pode ser importante para compreendermos a situação atual de nossa sociedade e de nossa educação é a seguinte: se existe uma crise socioambiental cristalina causada pelo modelo de sociedade tecnocientífica e pela intervenção inconsequente do ser humano em nosso planeta, qual o motivo disso não ser uma preocupação mais enfática em nossa educação e nos programas políticos de nossos governantes? Por que estamos retrocedendo nas políticas públicas e nos acordos internacionais²¹ por parte das grandes potências econômicas que são as maiores causas da

²⁰ Como sugestão de leitura o texto: “A caminho de uma pedagogia hermenêutica” de Hans-Georg Flickinger.

²¹ Os Estados Unidos, um dos maiores poluidores e exploradores ambientais do planeta, a partir de seu governo comprometido com a agenda da extrema direita mundial que vem crescendo em grande parte do mundo, retirou sua assinatura do Acordo de Paris. No Brasil, o atual governo ameaçou acabar com o **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 36, n. 2, p. 359 - 375, mai./ago. 2019. E-ISSN 1517-1256

destruição de nossa “Mãe Terra”? Parece estar havendo um reforço nas conquistas científicas que apresentam um bem estar aparente publicizado pelas grandes empresas que dominam a economia mundial e que não possuem interesse em mostrarem a crise socioambiental. Existe uma resistência ao debate dos problemas ambientais não informando a atual situação e convencendo a população para desacreditarem nos ambientalistas, nos educadores ambientais, nas pesquisas científicas comprometidas com os estudos acerca da situação catastrófica da vida na terra. Este descrédito alimenta cada vez mais o lado comprometido com a evolução do conhecimento científico exploratório não se importando com as consequências existenciais da vida na terra. Não tem um compromisso ético com o presente e com o futuro de nosso planeta.

Os limites epistemológicos para uma Educação Ambiental, apresentados pelo paradigma moderno de ciência, devem ser revistos se quisermos estudar os conhecimentos tidos como improdutivos, inúteis, não aplicáveis pelos currículos positivistas de nossa educação. Tal projeto é possível se pensarmos a educação com as bases teóricas e conceituais da hermenêutica filosófica, a linguagem fundamentada nas trilhas da hermenêutica filosófica. A ontologia ambiental aqui proposta quer a educação valorizando os conhecimentos que se manifestam enquanto linguagem nas mais diversas formas extrapolando assim, o restrito paradigma utilitarista e pragmatista da educação moderna, míope aos conhecimentos existenciais.

Ao utilizarmos os termos “conhecimentos existenciais”, nos referimos aos conhecimentos que não são considerados pela postura balizadora adotada pela educação tecnicista. Esta restringe o conhecimento verdadeiro ao crivo objetivador, comprobatório descartando, desta forma, tudo que surge das experiências culturais, dos conhecimentos populares que formam o mundo de sentido das pessoas, que as colocam pertencentes à um tempo existencial. O rigor epistemológico pós-cartesiano conduz a uma instrumentalização do meio ambiente e uma autoinstrumentalização do próprio ser humano. Tal cunhagem epistemológica dificulta a possibilidade de se fazer Educação Ambiental por desconsiderar a linguagem proposta na hermenêutica filosófica, reduzindo-a a meras representações objetivas capazes de transferir informações, repassar conhecimentos sem preocupar-se com a experiência como acontecimento existencial. Pensar a linguagem a partir dos moldes

Ministério do Meio Ambiente. Assinala claramente o seu descompromisso com as questões ambientais em prol da valorização do agronegócio, do desmatamento, da mineração e demais áreas econômicas com viés exploratório. Não pensam na valorização das particularidades de nosso povo, na importância da diversidade cultural que brota da condição de *ser-e-estar-no-mundo*. Com a agenda do crescimento econômico, tornam os lugares existenciais em não-lugares. Há um descompromisso com os conhecimentos que não se encaixam na metodologia dura das ciências particulares, que visam a objetivação como condição de verdade.

Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande, v. 36, n. 2, p. 359 - 375, mai./ago. 2019.
E-ISSN 1517-1256

tecnicistas é destruir com seu encanto existencial do não esgotamento, da impossibilidade de seu domínio, de seu constante acontecer, de seu *horizonte inesgotável de sentido* como sabiamente colocou Gadamer.

Como percebemos, na hermenêutica filosófica de Gadamer, é na linguagem que o *Ser* se revela, que *pode ser compreendido*; é na linguagem que a finitude existencial do ser humano se apresenta enquanto acontecer ontológico e deve ser respeitada. Respeitar o que vem à linguagem é ter consciência que as diversas manifestações linguísticas reveladas pelo ser humano são partes indispensáveis para fundamentarmos uma educação que seja ambiental. Não levar em conta tal característica é regredirmos a uma educação pura e simplesmente instrumental. Portanto, é este o esforço pretendido ao resgatarmos a linguagem presente na hermenêutica filosófica para os fundamentos da Educação Ambiental.

Referências

ALMEIDA, Custódio L.S. **Hermenêutica e Dialética**: dos estudos platônicos ao encontro com Hegel. Porto Alegre: Edipuc, 2002.

BICCA, Luiz. **Racionalidade moderna e subjetividade**. São Paulo: Loyola, 1997.

CARVALHO, Isabel M.C. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas – SP: Autores Associados, 2010.

FLICKINGER, Hans-Georg. **Gadamer & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II**: complementos e índice. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004b.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental**: a conexão necessária. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

OLIVEIRA, Manfredo Araujo. **A filosofia na crise da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1995.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica Filosófica**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

Submetido em: 03-07-2019.

Publicado em:20-07-2019.